

## MELANCOLIA/DEPRESSÃO: SINTOMA DE UMA SOCIEDADE NARCISISTA

Autor: Luciana Chaui Berlinck

### Resumo

Neste trabalho discutimos a emergência da Melancolia/Depressão como uma patologia característica da sociedade contemporânea, ou seja, como sintoma de uma contemporaneidade marcada pelos ideais narcísicos, tais como Freud os descreveu e interpretou em *Luto e melancolia* e em *Introdução ao narcisismo*. Às interpretações freudianas acrescentamos as análises da sociedade contemporânea feitas por Christopher Lasch em *A cultura do narcisismo* e por David Harvey em *A condição pós-moderna*. Fazemos a articulação entre o processo de socialização patológico e a sociedade contemporânea por que esta é narcisista na sua forma intrínseca, isto é, na maneira como produz e opera apenas com a imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer um suposto gozo imediato e com isso bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado. A sociedade contemporânea só é capaz de propor e provocar atos sem mediação e que, por serem atos que não conseguem efetivar-se, sua impossibilidade se exprime sob a forma da Melancolia/Depressão.

**Palavras-chave:** melancolia, depressão, narcisismo, pós-modernidade

## MELANCOLIA/DEPRESSÃO: SINTOMA DE UMA SOCIEDADE NARCISISTA

Este trabalho tem por objetivo discutir a emergência da Melancolia/Depressão como patologia característica da sociedade contemporânea, tomando como referência a compreensão desse fenômeno na perspectiva psicanalítica. Partindo do pressuposto de que a configuração da subjetividade e da patologia de uma época está articulada intrinsecamente pelos modos de relação historicamente determinados, tomamos a Melancolia/Depressão como sintoma de uma contemporaneidade marcada pelos ideais narcísicos, tais como Freud os descreveu e interpretou em *Luto e melancolia* e em *Introdução ao narcisismo*. Às interpretações freudianas acrescentamos as análises da

sociedade contemporânea feitas por Christopher Lasch em *A cultura do narcisismo* e por David Harvey em *A condição pós-moderna*. Fazemos a articulação entre o processo de socialização patológico e a sociedade contemporânea por que esta é narcisista na sua forma intrínseca, isto é, na maneira como produz e opera apenas com a imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer um suposto gozo imediato e com isso bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado. Paralisa do desejo no narcisismo, impossibilidade de simbolização e ausência de pensamento, a sociedade contemporânea nos faz permanecer na imediateza persuasiva e exclusiva da imagem e só é capaz de propor e provocar *atos* sem mediação e que, por serem atos que não conseguem efetivar-se, sua impossibilidade se exprime sob a forma da Melancolia/Depressão.

*“A depressão se tornou um fenômeno tão freqüente no mundo moderno a ponto de ser considerada por alguns autores como reação normal dos tempos atuais, desde que não interfira nas nossas atividades cotidianas. (...). Alguns terapeutas já a identificaram como o mal do século, devido sua alta incidência no atendimento psiquiátrico.”<sup>1</sup>*

*“Desde sua introdução, em 1987, Prozac foi usado por mais de seis milhões de norte-americanos e por mais de dez milhões de pessoas no restante do mundo”.<sup>2</sup>*

Essas duas citações indicam que a depressão, isto é, aquilo que a tradição médica e a psicanálise chamam de melancolia, pode ser considerada a doença mental contemporânea. Do ponto de vista estatístico, alguns estudos recentes indicam que, na maioria dos países, uma a cada vinte pessoas é diagnosticada como “significativamente depressiva”, número que não inclui aqueles que experimentam uma leve depressão crônica ou passam por uma crise aguda de depressão, pois, neste caso, uma a cada seis pessoas é diagnosticada, pelo menos uma vez na vida, como depressiva. Além disso, as

---

<sup>1</sup> Mauro Ivan João *Depressão: síndrome da dependência psicológica*. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1987, p. 1

<sup>2</sup> Makhram Girgis, *Just how smart is Prozac?*

estatísticas indicam que a “depressão significativa” começa, agora, a aparecer de maneira mais intensa entre os adolescentes, os adultos jovens e as mulheres.

Assim, ao concordarmos com Freud em considerar a melancolia uma neurose narcísica e se considerarmos os dados estatísticos, fomos levados a supor que a sociedade contemporânea possui características que estimulam o aparecimento de patologias narcísicas, particularmente a melancolia, suposição reforçada se, com Christopher Lasch<sup>3</sup>, considerarmos que a cultura ocidental contemporânea é narcisista.

Vivemos numa sociedade voltada para a vida privada, para as relações pessoais tanto sob a forma da competição entre os indivíduos quanto sob a forma da valorização da intimidade, dos interesses e demandas íntimos, ainda que essa “intimidade” seja produzida pela sociedade de consumo, que inventa imagens com as quais os indivíduos passam a identificar-se. Como consequência, a libido volta-se para o próprio ego, ou seja, os investimentos eróticos do indivíduo estão voltados para ele mesmo. O nome desse fenômeno é narcisismo.

Ora, como diz Freud, no narcisismo, o ego se comporta como objeto de seu próprio amor e esse amor se caracteriza pela idealização de si ou a superestima de si, a vivência prazerosa de sentir-se especial, perfeito, sem defeitos. A procura da vida feliz reduzida à idéia de bem-estar, de satisfação prazerosa e de plenitude, supostamente asseguradas pela identificação, por meio do consumo, com imagens de perfeição, beleza, sucesso, juventude, saúde, etc., caracteriza a sociedade contemporânea e pode ser comparada à procura narcisista de retorno à vida intra-uterina, ou à relação simbiótica com a mãe, num período em que o outro e o mundo não existiam para o indivíduo como separados dele; à época da onipotência, na qual o outro e o mundo faziam parte indiferenciada do eu, ou seja, a volta à situação na qual era superestimado e na qual todas as suas necessidades eram prontamente atendidas (quando não havia o sentimento de falta).

Assim, falamos de uma sociedade narcisista por comparação com o desenvolvimento libidinal do indivíduo. Acreditamos que essa estrutura social facilita o aparecimento das patologias narcísicas, em especial a melancolia.

A melancolia é uma neurose narcísica, portanto, na qual há prejuízo no estabelecimento de vínculos libidinais com os objetos. Embora a escolha libidinal de

---

<sup>3</sup> C.Lasch, *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983

objetos só ocorra na puberdade, sofrerá influência de todo o desenvolvimento libidinal infantil até o Complexo de Édipo e envolve o processo de constituição do ego. Esta constituição ocorre pela identificação com a imagem do outro e a construção da representação que o sujeito faz de si integra elementos valorativos, de maneira que a constituição do ego é inseparável de valorações que constituem o chamado ego ideal. Em outras palavras, para compreendermos uma neurose narcísica (como a melancolia), precisamos considerar, primeiro, o aspecto não neurótico do narcisismo enquanto momento do processo de constituição normal dos indivíduos para, em seguida, captarmos como algo normal se torna patológico.

No caso da melancolia, a escolha de objeto se dá com uma base narcisista. Essa eleição com base narcisista é aquela na qual ocorre a identificação narcisista com o objeto, ou seja, eleje-se o objeto a partir da imagem e semelhança do próprio ego ou transforma-o num ideal e este se converte em um substitutivo do investimento erótico, havendo uma forte fixação no objeto, assim, pela identificação narcisista com o objeto é ao narcisismo que o investimento libidinal retorna, não direcionando-se ao objeto externo.

Desta forma o narcisismo infantil (quando o sujeito era seu próprio ideal), é substituído pela identificação com o ideal projetado no objeto, definindo o que é o ego ideal e levando à busca de um personagem possuidor dos atributos de máxima valorização.

O indivíduo, na melancolia, está preso à imagem do objeto. Ora, em *Luto e Melancolia* Freud nos diz que essa imagem é a de um objeto perdido e que esse objeto perdido é o próprio ego. Portanto, a perda melancólica é narcísica.

O vínculo da libido ao objeto se efetua por meio de lembranças e expectativas. Na melancolia, devido a uma falha em elaborar uma perda afetiva significativa no início da estruturação do aparelho psíquico ocorre um “buraco na esfera psíquica” e esse lugar vazio mostra a impossibilidade do indivíduo de se orientar a partir dos traços mnêmicos de seus próprios desejos. Não devemos esquecer que Freud escreveu nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que “encontrar o objeto é no fundo reencontrá-lo”, assim há um objeto que já fora investido e que, uma vez perdido, fica guardado em nossa lembrança e passamos a procurar reencontra-lo com a expectativa de voltarmos ao sentimento de completude. Freud nos explica em *Os instintos e suas vicissitudes* que nossa vida subjetiva transcorre sob a forma de oposições (como prazer-desprazer, sujeito-objeto) e que essas são determinadas pelo

desejo, ou seja, suas operações são simbólicas e imaginárias. O desejo, desta forma, permite a reconstituição do objeto desejado por meio de representações e, assim, o sofrimento causado pela falta é fundamental para a constituição do sujeito que, submetido à falta, recria psicologicamente o objeto perdido ou ausente para poder orientar-se no real. Isso nos remete à questão do tempo humano, ou a percepção da existência como algo que escapa e perdura na duração. Memória e projeto, passado e futuro.

Nossos estudos nos levaram a pensar na maneira pela qual esses processos ocorrem na sociedade contemporânea.

Partindo da idéia de que o narcisismo encontra-se desde sua origem no campo da significação, das valorizações, há que pressupor uma ordem simbólica exterior ao indivíduo, a ordem da cultura, na qual ele está inserido, o que, portanto, significa que a representação valorativa de si é constituída na intersubjetividade, cabendo, portanto, averiguar quais os valores da sociedade contemporânea que fazem parte desse jogo simbólico.

Para que a simbolização ocorra, ou seja, para que possamos lidar com o ausente e presentificá-lo na linguagem, no trabalho e na história, como diz Merleau-Ponty, é necessário que a relação com a ausência seja dada pela relação com o outro sob a forma do tempo. O tempo é articulado à origem e ao porvir, ao passado e ao futuro.

Hoje, a mudança que ocorre quanto a experiência do espaço e do tempo é singular. Por um lado observamos a fragmentação e dispersão espacial e temporal e por outro a compressão do tempo e do espaço (efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação). Isto quer dizer que pela compressão do espaço não há mais distância, todos os acontecimentos ocorrem *aqui* e também, pela compressão do tempo, não há mais passado ou futuro, uma vez que tudo acontece *agora*. Pela fragmentação e dispersão reduzimos o espaço e o tempo a imagens planas, sem profundidade temporal, que se movimentam de forma veloz e fugaz; o espaço é indiferenciado e o tempo é o instante. Estas imagens planas e superficiais nos são incessantemente apresentadas pelas telas de televisão, computador ou cinema como evidências e, desta maneira, não somos mais capazes de distinguir entre a aparência e o sentido, ou seja, entre o virtual e o real. Uma vez que tudo é volátil e efêmero, descartável e durando o tempo passageiro da moda, o sentido de continuidade não faz mais parte de nossa experiência, pois tudo consome-se no presente do instante fugaz que desaparece não deixando marcas.

De fato, a sociedade pós-moderna desvaloriza culturalmente o passado e o futuro, por uma busca da satisfação imediata dos desejos. Essa sociedade, que alimenta o gosto pelo efêmero, abandonou a temporalidade humana. É marcada pelo descartável.

É justamente o trabalho sobre a ausência (a perda) que o melancólico não consegue realizar, não conseguindo remeter-se às situações prazerosas por ter sofrido sucessivos desapontamentos amorosos, que feriram gravemente o narcisismo infantil, marcam o indivíduo com o sentimento de haver sido totalmente abandonado. Para que o vínculo da libido com o objeto seja abandonado gradualmente é preciso que as lembranças e expectativas em relação ao objeto sejam evocadas e investidas fortemente. O melancólico, no entanto, mimetiza o outro e o mantém sempre dentro de si, negando a ausência e, portanto, o tempo em sua duração. Nesse aspecto, a relação do melancólico com o tempo é exatamente a mesma que a da sociedade contemporânea, desvalorizadora do passado.

A questão do melancólico é não conseguir lidar com uma perda, a perda inconsciente de si mesmo, a perda da auto-estima. Com a mudança rápida dos valores na sociedade do efêmero, mal o sujeito identificou-se com certo objeto, este já tornou-se ultrapassado e, assim, a perda do objeto torna-se perda do próprio ego. Ora, na sociedade do efêmero o próprio sujeito é efêmero. O que nos leva à questão da impossibilidade de corresponder ao ego ideal, pois, pela fugacidade, o sujeito cai na desvalorização, isto é, torna-se impossível para ele corresponder à representação de si com seus elementos valorativos.

Como vimos, o ego se constitui pela identificação com a imagem do outro que irá, então, definir que é o ego ideal, tendo como modelos personagens possuidores dos atributos de máxima valorização como heróis, santos, atores de teatro, cinema, televisão, etc.

Contudo, preso como está à imagem do objeto, sem poder elaborar suas perdas, vê-se com um "buraco na esfera psíquica".

Sem laços temporais e afetivos que o orientem, torna-se inseguro e por isso inclinado a acatar o discurso da autoridade, que preenche o vazio, o discurso dos especialistas, que determinam o que o sujeito deve pensar, querer, sentir, oferecendo valor e sentido para a vida. Tendo suas necessidades definidas por especialistas não admira que estas não possam ser jamais satisfeitas.

Ora, os especialistas simplesmente reproduzem, sob a forma de ciência e de saber, aquilo que o mercado de consumo propõe como definição do desejo e dos meios de sua

satisfação. Desta forma, as imagens criadas pela publicidade e pela propaganda são eficazes, pois "inventam os desejos", sendo signos do que a sociedade deve valorizar nos indivíduos (no caso contemporâneo, o sucesso, definido por critérios de competição, juventude, saúde e cuidados extremos com a "beleza" corporal).

A sociedade pós-moderna é uma sociedade de imagens e assim, as imagens do outro nos são oferecidas em profusão, massivamente, ininterruptamente. As imagens parecem preencher todo o tempo e todo o espaço real e imaginário, elas parecem ser tudo e todo o real, não há falta, não há lacuna, não há ausência, não há distância – isto é, não há tudo aquilo que é preciso para haver simbolização, e por isso a necessidade de recorrer às imagens criadas pela tecnologia, imagens do mundo externo que criem uma ilusão de realidade, é uma ultra realidade que se nos impõe. O sujeito, portanto, não simboliza, aceita como sua essa realidade "mais que real", acreditando ver nela seu próprio reflexo (tem a ilusão de onipotência).

E assim, a distância entre o indivíduo e a imagem desejada e desejável que parece refleti-lo como um espelho, por sua irrealidade é totalmente inalcançável. Por isso, identificando-se com a imagem, sente-se distante de si e experimenta uma perda contínua.

A busca da satisfação imediata dos desejos, num universo de compressão espacial e temporal, de perda dos referenciais históricos e sócio-econômicos que ofereciam aos indivíduos identidade de origem, de classe ou de grupo, a insegurança quanto ao presente e ao futuro, a competição, a invenção de simulacros hiper-reais ou virtuais para desejos de sucesso e celebridade, juventude e beleza, corpo perfeito (segundo os padrões ditados pela moda) e saúde perene, caracterizam tanto o narcisista quanto a sociedade narcisista.

E o sentimento de não corresponder a essa imagem engrandecida e perfeita de si, o sentimento da distância entre a onipotência e a falta, o sentimento inconsciente de uma perda irremediável e o impulso canibalista contra o outro que parece concretizar essas imagens, tudo isso não é senão o efeito necessário do narcisismo, isto é, a melancolia (ou a depressão).

## Referência Bibliográfica

1. ABRAHAM, Karl. *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970.
2. BLEICHMAR, Hugo. *Depressão. Um estudo psicanalítico*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
3. BUCCI, E. & KEHL, M. R. *Videologias*. São Paulo, Boitempo, 2004.
4. CHAÚÍ, Marilena. *Cultura e democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo, Cortez Editora, 1989.
5. FREUD, S. *Luto e melancolia. Obras completas*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
6. ----- . *Sobre o narcisismo: uma introdução. Obras completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
7. ----- . *Os instintos e suas vicissitudes. Obras completas*. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
8. ----- . *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.. Obras completas*. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
9. GIRGIS, M.. *Just how smart is Prozac?*. St. Louis, Warren H. Green, Inc., 1995.
10. GREEN, André. *El narcisismo primario: estructura o estado*. Buenos Aires, Editorial Proteo, 1970.
11. ----- . *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo, Editora Escuta, 1988.
12. HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
13. JOÃO, Mauro Ivan. *Depressão: síndrome da dependência psicológica*. São Paulo, Epu, 1987.
14. LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.

Luciana Chauí Berlinck

Psicanalista, mestre em filosofia pela USP, professora de psicologia da Unimarco.

e-mail: [Luciana@that.com.br](mailto:Luciana@that.com.br)

Cons. Rua Dona Brígida, 279 – Vila Mariana

Tel: 5908-0368 / 9111-3852